8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão: do saber acadêmico à prática social"

Realização: unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" PROEX

Educação Sexual na escola. Comparação entre meninos e meninas.

Ana Beatriz Gomes Forini, Ângela Coletto Morales Escolano. Campus de Ilha Solteira – Faculdade de Engenharia – Ciências Biológicas. bia_forini@yahoo.com.br – Bolsa PROEX-UNESP.

Eixo 1 - "Direitos, Responsabilidades e Expressões para o Exercício da Cidadania"

Resumo

Quando se aborda a sexualidade com adolescentes, observa-se uma infinidade de ideias, perturbações, expectativas e dúvidas que são manifestadas ao longo desta etapa de vida. O presente estudo tem como objetivo comparar junto à população de alunos do 8° ano do Ensino Fundamental de uma cidade do noroeste do Estado de São Paulo, os conhecimentos prévios sobre sexualidade de meninos e meninas, por meio de um questionário aplicado nas escolas públicas e particulares da cidade. Observou-se que não existem diferenças entre comportamentos e opiniões entre meninos e meninas, entretanto salienta-se a necessidade de informações adequadas buscando a melhoria da qualidade de vida e hábitos saudáveis.

Palavras Chave: *Educação sexual, Sexualidade na escola*, *Ensino Fundamental.*

Abstract:

When discussing sexuality with adolescents, there is a plethora of ideas, disturbances, expectations and doubts that are raised throughout this life stage. This study aims to compare with the population of students of the 8th grade of elementary school in a city in northwestern São Paulo State, prior knowledge about sexuality of boys and girls through a questionnaire administered in public schools and particular city. It was observed that there are no differences between behaviors and opinions between boys and girls, however it highlights the need for appropriate information seeking to improve the quality of life and healthy habits.

Keywords*: Sex education, Sexuality at school, Elementary school*

Introdução

Vivemos em um mundo onde a sexualidade é, muitas vezes, mal interpretada, vulgarizada e usada de forma indevida, em que o sagrado é confundido com o profano. Entretanto não devemos esquecer que cada família é única, que possui suas especificidades, seus valores e sua herança cultural. Neste contexto, a sexualidade dos adolescentes deve ser enfocada com conhecimento e respeito, visando à saúde e ao bem-estar tanto dos adolescentes como de suas famílias.

Nessa perspectiva, entende-se que a sexualidade faz parte do dia-a-dia de todos os indivíduos, embora muitas vezes velada ou mal resolvida, não podemos deixar de mencioná-la ou tentar ignorá-la.

Quando se aborda a sexualidade com adolescentes, observa-se uma infinidade de ideias, perturbações, expectativas e dúvidas que são manifestadas ao longo desta etapa de vida. Entretanto é justamente neste período da vida que a educação sexual deve ser dada, não de maneira superficial e confusa, mas de forma harmônica e saudável (CHARBONNEAU, 1979).

Tiba (2005), refere a adolescência como um período de transformações biopsicossociais, sendo um tempo de afirmação da personalidade e formação de relações mais profundas com a sociedade, escola e principalmente com a família. Ela é caracterizada como etapa de transição entre a infância e a idade adulta, pode ser considerada de fundamental importância por apresentar características muito peculiares que conduzem a criança a tornar-se adulto capaz de se reproduzir (ZAGURY, 2002). O início da adolescência é acompanhado pela busca da identidade e pelo despertar do erotismo, o que a faz um período crítico no qual poderá surgir um aumento de conflitos entre pais e filhos.

Os pais, muitas vezes, não sabem ao certo como agir diante das demonstrações da sexualidade de seus filhos. Aceitar e entender a maneira de pensar dos jovens não é encargo fácil; portanto, para grande parte das famílias, é preciso entender as diferenças de ideias, superar preconceitos e estereótipos, uma vez que o crescimento dos filhos causa mudanças no meio familiar que podem gerar conflitos entre gerações, momentos de insegurança, dificuldades de comunicação entre pais e filhos (MALDONADO, 1996).

Nesse contexto, torna-se evidente a imensa preocupação dos pais com seus filhos adolescentes, mas apesar de tal sentimento, percebe-se que eles não estão, muitas vezes, preparados para conversar sobre questões consideradas delicadas, principalmente as que envolvem a sexualidade, condição que favorece o distanciamento de seus filhos. Essa tarefa normalmente é transferida pelos pais para a escola, por acreditarem que os professores são mais preparados que eles para tal discussão.

A tendência, hoje, no que se refere à saúde do adolescente é a orientação sexual precoce, porque possibilita a prevenção de doenças, a melhoria da qualidade de vida, a promoção da saúde e a prática saudável e responsável da sexualidade. A educação sexual é um assunto que geralmente causa muita polêmica, porque, ao falarmos de sexualidade, devemos envolver todas as dimensões do ser humano. Girondi, Nothaft e Mallmann (2006) referem que ela é necessária, pois possibilita a passagem de informações, orientações, conhecimentos e também normas de comportamento. Discutir a sexualidade permite, desde cedo, que crianças e adolescentes procurem cultivar hábitos mais saudáveis, possam esclarecer dúvidas e falar de questões pertinentes à sua própria saúde (CRIVELARI, 2007).

A orientação sexual é certamente tarefa difícil de realizar, porque, além de ser bastante complexa, não basta simplesmente ter conhecimento para ministra-la com eficiência e resolutividade. No ambiente familiar começa o processo de apreensão de conhecimentos referentes à sexualidade, onde os adolescentes formam as primeiras opiniões; portanto é fundamental que a família forneça este tipo de orientação de maneira adequada (WEREBE, 1981; SIERRA, 2004).

Estudos realizados por Nunes e Silva (2001) mostram o aumento da preocupação das lideranças políticas, dos profissionais de saúde, pais e educadores a respeito do compromisso em desenvolver ações integradas para a melhoria na qualidade da assistência ao adolescente. Esta preocupação aumentou em função da precocidade da iniciação sexual entre os jovens e, como consequência, a elevação do número de gravidez indesejada na adolescência, bem como de outros agravos à saúde. Pode-se atribuir grande parte dos problemas que acometem os adolescentes, como sendo reflexo de práticas sexuais desprotegidas. Entre estes problemas observou-se um significativo aumento do número de casos de contaminação pela AIDS entre jovens de 13 a 19 anos o que torna mais necessários programas voltados para esse público (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004). A educação sexual tem como finalidade desenvolver a capacidade do adolescente de ser responsável pelo próprio corpo e de adotar atitudes maduras diante de tantas manifestações de sexo. Assim, ela é um processo único, porque as próprias pessoas são particularmente diferentes em cada momento, em cada ato.

Hoje o Brasil não tem nenhuma lei que obrigue as escolas a inserirem a Educação Sexual em seus currículos. Porém, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem que o assunto seja trabalhado em todas as disciplinas, sempre que uma oportunidade aparecer.

Mesmo sem uma legislação específica, o número de instituições que abordam a Educação Sexual em diversas áreas do aprendizado tem aumentado. Além disso, projetos nacionais que abordam a sexualidade relacionada à saúde ganham cada vez mais força no ambiente escolar. Um exemplo é o Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) criado em 2003, por meio de uma parceria entre o Ministério da Saúde e o MEC. O Programa tem como objetivo promover a saúde sexual, reduzir a vulnerabilidade de adolescentes e jovens às doenças sexualmente transmissíveis (DST), à infecção pelo HIV e à gravidez não planejada. Qualquer escola pode aderir ao Programa Saúde e Prevenção. Basta entrar em contato com a Secretaria de Educação do respectivo estado.

Acredita-se na importância do trabalho informativo e contínuo, porque através dele, é possível planejar ações educativas eficientes, capazes de sensibilizar tanto meninas quanto meninos, para prepararem-se para as transformações da vida antes mesmo que elas aconteçam. Entretanto alguns pais parecem sentir-se despreparados para orientar seus filhos sobre sexualidade, reprimindo-a ou omitindo informações.

8° Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão: do saber acadêmico à prática social"

Realização: unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" PROEX

Objetivos

Pelo exposto acima, o presente trabalho tem por objetivo apresentar as percepções, que meninos e meninas do 8° ano do Ensino Fundamental de uma cidade do noroeste do Estado de São Paulo, possuem sobre sexualidade.

Cabe destacar que este trabalho de levantamento servirá como base para o desenvolvimento de uma série de encontros com o objetivo de informação/reflexão/discussão sobre aspectos da sexualidade adolescente.

Material e Métodos

A amostra deste estudo foi composta por 273 adolescentes (140 meninos e 133 meninas), de 5 escolas (2 públicas e 3 particulares) sendo 81 alunos de escolas particulares e 192 de escolas públicas, com idade média de 14 anos (variando entre 12 de 15 anos), cursando o 8° ano do Ensino Fundamental, na cidade de Ilha Solteira, São Paulo.

O estudo contou com o consentimento da direção da escola, dos professores e dos alunos, cuja participação foi voluntária e anônima.

Foi utilizado um questionário aberto com 8 questões confeccionado pelas pesquisadoras para poder comparar as respostas entre meninos e meninas. O mesmo foi aplicado de forma coletiva nas escolas durante o horário de aula.

Resultados e Discussão

Foi realizada uma análise quantitativa das respostas dadas pelos alunos, e nas perguntas que solicitavam respostas discursivas foi identificado um tema principal extraindo-se as palavras-chave, com base nas palavras-chave foram elaboradas categorias de respostas.

A Tabela 1 apresenta a distribuição percentual do número de alunos que estão em algum tipo de relacionamento.

TABELA 1 – Distribuição percentual das respostas sobre a questão: *Tem alguma relação de compromisso?*

	Menino (n=140)	Menina (n=133)
Sim	16%	14%
Não	84%	86%

Na Tabela 1, observamos não haver diferença entre o percentual de meninos e meninas que estão namorando.

A Tabela 2 apresenta a distribuição percentual das categorias de respostas emitidas pelos adolescentes sobre a questão: *Com quem você tira suas dúvidas sobre sexo?*.

TABELA 2 – Distribuição percentual das respostas sobre a questão: "Com quem você tira suas dúvidas sobre sexo?"*****

	Meninos (n=140)	Meninas (n=133)
Pais	48%	51%
Amigos	27%	29%
Revista	8%	7%
Internet	21%	13%
Parceiro Sexual	1%	1%
Outros	18%	18%

*****Obs: os alunos podiam responder a mais de uma categoria.

Na Tabela 2 percebemos que em ambos os sexos a maioria conversa com os pais para tirarem suas dúvidas. Também notamos que o número de adolescentes que conversam com os amigos ou procuram na a internet para tirar algumas dúvidas é razoavelmente alto. Na categoria outros alguns alunos relataram conversar com professores.

A Tabela 3 apresenta a distribuição percentual das categorias de respostas emitidas pelos adolescentes sobre a questão: *Quem você acha que tem a responsabilidade no momento da relação sexual?*

TABELA 3 – Distribuição percentual das respostas sobre a questão: "Quem você acha que tem a responsabilidade no momento da relação sexual?"

	Meninas (n=133)	Exemplos de respostas
Homem	**3%**	Porque ele tem o esperma.
Mulher	**9%**	A mulher tem mais consciência; Para melhor prevenção.
Os dois	**88%**	Devem se prevenir; Tem que ter responsabilidade; Para não engravidar.
	Meninos (n=140)	**Exemplos de respostas**
Homem	23%	Porque não querem filhos; Responsável; Camisinha é mais fácil.
Mulher	7%	Para não engravidar; É mais segura.
Os dois	70%	Devem se prevenir; Responsáveis; Não querem ter filhos.

Na Tabela 3 percebemos que 88% das meninas e 70% dos meninos consideram que os dois devem se prevenir no momento da relação. Nas explicações dadas entre ambos um problema existe, vários adolescentes destacam que os dois devem usar preservativos no mesmo momento para que não ocorra uma gravidez ou uma DST inesperada.
A adolescência é um período marcado por vulnerabilidades em virtude de ser uma etapa da vida em que os conflitos são muitos e dizem respeito ao âmbito social, psicológico, físico, dentre outros. A descoberta do prazer, muitas vezes, dá-se nessa época, e a internet e a pouca censura dos meios de comunicação expõem os adolescentes a um apelo sexual precoce.
Frequentemente são impostas situações que ainda não são bem compreendidas por eles, causando um falso e ilusório desenvolvimento, havendo necessidade de ações de educação em saúde para orientar esses adolescentes sobre os riscos para a contaminação com doenças sexualmente transmissíveis.
A Tabela 4 apresenta a distribuição percentual das categorias de respostas emitidas pelos adolescentes sobre a questão: *Você sabe como se adquire DST's*?

TABELA 4 – Distribuição percentual das respostas sobre a questão: "Você sabe como se adquire DST's?"

	Menino (n=140)	Menina (n=133)
Sim	10%	28%
Não	90%	72%

Observamos na Tabela 4 que existe um número considerável de meninos e meninas que ainda não sabem, ou tem dúvidas de como se adquirem DST's. Dos que relataram saber citaram exemplos como: não usando preservativo no momento da relação; pelo contato com o sangue; usando a mesma agulha; entre outros.
A Tabela 5 apresenta a distribuição percentual das categorias de respostas emitidas pelos adolescentes sobre a questão: *Você tem vida sexual ativa?.*

TABELA 5 – Distribuição percentual das respostas sobre a questão: "Você tem vida sexual ativa?"

	Menino (n=140)	Menina (n=133)
Sim	15%	3%
Não	85%	97%

Conforme os dados da Tabela 5 a porcentagem de meninos que já possuem vida sexual ativa é relativamente maior do que as meninas, sendo que a idade que relataram para sua primeira relação foi entre 11 e 13 anos.
A baixa idade das primeiras relações sexuais, o não uso de preservativos e a variabilidade de parceiros coloca os jovens de hoje, como um grupo populacional de grande risco epidemiológico para as doenças sexualmente transmissíveis (DST's). A falta de informação contribui também o número de gravidez na adolescência.
A Tabela 6 apresenta a distribuição percentual das categorias de respostas emitidas pelos estudantes sobre a questão: *Você consulta um médico regularmente para realizar exames preventivos? (Urologista ou Ginecologista).*

TABELA 6 – Distribuição percentual das respostas sobre a questão: "Você consulta um médico regularmente?"

	Menino (n=140)	Menina (n=133)
Não	80%	86%
Sim	18%	11%

A Tabela 6 mostra que a grande maioria, tanto dos meninos quanto das meninas não vão ao médico com regularidade, e as razões mais relatadas são: não achar necessário; não vão porque não mantiveram relação sexual até agora; alguns nem sabem para que o médico urologista serve; outros tem vergonha e também comentaram que os pais não os levam.
A Tabela 7 apresenta a distribuição percentual das categorias de respostas emitidas pelos estudantes sobre a questão: *Você já deixou (ou deixaria) de ter uma relação sexual por estar sem camisinha?*

TABELA 7 – Distribuição percentual das respostas sobre a questão: "Você já deixou (ou deixaria) de ter uma relação sexual por estar sem camisinha?"

	Menino (n=140)	Menina (n=133)	Exemplos de respostas
Sim	78%	90%	Por não estar prevenido; Por não ser seguro; Não querem ter filhos; Não contrair doenças.
Não	22%	10%	Porque sem preservativo é melhor; Porque não iam querer perder tempo; Não é necessário se prevenir toda vez.

Na Tabela 7 observamos que uma grande porcentagem de meninos e meninas não manteria uma relação sexual por estarem sem camisinha, por conta de adquirirem alguma doença ou até mesmo uma gravidez inesperada. Entretanto alguns alunos consideram sem importância ter ou não o preservativo na hora da relação sexual.
A Tabela 8 apresenta a distribuição percentual das categorias de respostas emitidas pelos estudantes sobre a questão: *Concorda que nas escolas deveriam desenvolver-se atividades e projetos de Educação Sexual? Se sim, qual atividade gostaria de ser realizada sobre esse tema?*

TABELA 8 – Distribuição percentual das respostas sobre a questão: "Concorda que nas escolas deveriam desenvolver-se atividades e projetos de Educação Sexual?"

	Meninos (n=140)	Meninas (n=133)
Palestras	67%	74%
Filmes	45%	31%
Aula	34%	47%
Outros	17%	2%

Na Tabela 8 observamos que é de grande interesse dos alunos que fossem desenvolvidas atividades e projetos de Educação Sexual.
Pelas respostas apresentadas, verificamos que não existem diferenças entre meninos e meninas quanto as dúvidas e comportamentos perguntados neste questionário, entretanto não podemos negar que a sociedade faz exigências diferentes quanto ao comportamento sexual de meninos e meninas.
No estudo de Quirino e Rocha (2013) onde foram estudadas as opiniões de professores quanto a educação sexual na escola eles apontam que os constrangimentos de gênero e o reforço dos estereótipos ainda influenciam fortemente os valores e as atitudes docentes mostrando que o desafio de uma prática docente emancipadora, cidadã, inclusiva, e que considere as diversidades, é atual, não está consolidada, sendo meta a ser conquistada.
A educação sexual deve envolver vários aspectos da evolução psíquica do adolescente. É relevante que o profissional ou a pessoa que irá abordar essa temática tenha ciência dos processos evolutivos e conflitivos que envolvem a adolescência e seja desprovido de preconceitos e prejulgamentos, atuando como mediador nas discussões sobre a sexualidade, construindo, em parceria com os adolescentes, alternativas e formação de opiniões coerentes com a realidade de cada um deles. (FREITAS; DIAS, 2010).

Conclusões

Ao término do estudo, percebemos que é de grande necessidade ser discutida e implementada a Educação Sexual nas escolas. A adolescência é uma etapa de vida marcada por diversas mudanças e transformações no plano físico, psíquico, social e espiritual: meninas e meninos descobrem um mundo novo e uma maneira diferente de ser e agir. É nesta etapa de vida que o ser humano desabrocha para a sexualidade e, geralmente, inicia sua vida sexual.
Parafraseando PINTO (1997, p. 50), entende-se que a função da escola é construir identidades, e se é dessa maneira indireta que se dará sua contribuição ao amadurecimento da sexualidade juvenil, uma enorme transformação precisa ser realizada no seu interior.

Agradecimentos

PROEX - UNESP

Ao corpo docente das escolas pelo apoio.
Ao Gustavo Mestriner pela ajuda em tabular os dados.

CASTRO, M. G; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
CHARBONNEAU, P. E. **Educação sexual: seus fundamentos e seus processos**. São Paulo: EPU, 1979.

CRIVELARI, M. **Trabalhar a sexualidade: guia prático para professores de ensino fundamental**. São Paulo: Editora Lua, 2007.
FREITAS, Kelly Ribeiro de; DIAS, Silvana Maria Zarth. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto contexto - enferm**., Florianópolis , v. 19, n. 2, p. 351-357, jun. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 01 ago. 2015.
MALDONADO, M.T. **Vida em família: conversas entre pais e jovens. 4.**ed. São Paulo: Saraiva, 1996.
QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira da. Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, Brasil. **Ciênc. educ. (Bauru),** Bauru , v. 19, n. 3, p. 677-694, 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132013000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 01 ago. 2015.
TIBA, I. **Adolescência: o despertar do sexo** – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. São Paulo: Gente, 1994.
ZAGURY, T. **Encurtando a Adolescência: orientação para pais e educadores**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
WEREBE, M. J. G. **Comportamentos sexuais na adolescência**. Revista Psicologia, São Paulo, v. 7, n.3, p. 27-36, [abr./maio] 1981.
Queen, M. **Comoa escola deve falar de sexo**?. 2013. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/educacao-sexual-406667.shtml> Acesso em : 22jul.2015..